

PRIMEIRAS SEGUNDAS-FEIRAS

1844

SAINTE-BEUVE¹

FERDINAND DENIS

Cenas da natureza nos Trópicos e da sua influência
sobre a poesia, seguido de Camões e de José Índio

Enquanto inúmeras crônicas e memórias introduzem, diariamente, novas luzes em nossa história passada ou contemporânea, nossa curiosidade, com necessidade sempre crescente, transporta-se para o outro lado dos mares em direção a nações ainda pouco conhecidas, e se dirige aos viajantes dessas grandes regiões do mundo, solicitando-lhes o verdadeiro e o novo, e acolhendo avidamente suas narrativas. Mas são principalmente os portenores ligados à influência dos costumes e do lugar sobre os hábitos e a literatura dos povos o que mais valorizamos.

Não desejamos que nos façam passar pelo mundo como se fôsemos crianças, pelo simples prazer dos olhos: em poucos anos a Europa envelheceu muito; sua experiência avançada procura hoje-se instruir com seriedade em toda parte. O sr. Ferdinand Denis compreendeu esta verdade. É particularmente sob este ponto de vista que estudou os países que comenta. De volta a sua pátria, retornou suas recordações. No momento em que todos que vêm sentem-se tão sequiosos em dizer, numa época em que se resiste tão pouco ao desabafo de uma primeira impressão, ele soube por muito tempo conter o seu pensamento e amadurecê-lo, em seus trabalhos conscienciosos e grandiosos. Consultou todos os viajantes e até mesmo os poetas que já haviam falado dos lugares de que ele mesmo iria falar. Não que uma ostentação pedante e erudita testemunhe o alcance de suas pesquisas; nada é mais modesto que seu caráter; suas citações são quase sempre homenagens, e é sempre num tom de reconhecimento que ele comemora os nomes dos viajantes que o precederam.

É esta a idéia que presidiu à sua obra: a poesia retira seu primeiro encanto das imagens tomadas à natureza. Em nossas temperadas regiões, no seio de uma civilização todo-poderosa, a natureza encontra dificuldades em se impor, não está à vontade para se expandir. Somente num cli-

(4)

pensamos que a Revolução de Julho⁵ explicasse esta moda, e além disso não é possível acreditar que ser republicano seja assim tão recente. (...)

De 1833 a 1834, acreditamos que o Romantismo consistia em não fazer a barba e vestir coletes de lapelas largas, muito engomados. No ano seguinte, acreditamos que era se negar a montar guarda. E nos outros não pensamos nada....

Que é portanto o Romantismo, então? É o emprego de palavras cruas? É o ódio às perfrases? ... É a escolha de certos períodos que estão na moda, como a Fronda⁶ ou o reino de Carlos IX? É a mania do suicídio e o heroísmo à Byron... É, enfim, alguma coisa, ou não passa de uma palavra sonora e o orgulho vazio que fala da boca para fora? (...)

Agora chegamos ao âmago do assunto desta carta; é que pensamos que hoje em dia se usam adjetivos demais... Nossa opinião conclusiva é de que, se riscássemos todos os adjetivos dos livros que hoje se escrevem, haveria apenas um volume em lugar de dois, de modo que custaria sete libras e dez soldos, em vez de quinze francos — o que merece reflexão. Os autores venderiam melhor suas obras, apenas conforme a sua aparência. O senhor se lembra dos *acres beijos* de Júlia, na *Nova Heloise*? São o produto do efeito na sua época; mas parece-nos que na nossa não teriam nenhum, pois é preciso grande sobriedade numa obra para que se note um epíteto. Atualmente não existem romances em que não se encontrem tantos epítetos ao fim de três páginas, e mais violentos, que em todo Montesquieu. Para finalizar, cremos que o Romantismo consiste apenas em empregar todos os adjetivos, e só isso. (...)

O praticante de advocacia

[Em resumo, para saírem do embarço, Dupuis é Cottonet vão procurar um praticante de advocacia que se jactava de conhecer literatura. Eis a resposta que eles obtiveram:]

O Romantismo, meu caro senhor? Não, certamente, não é nem o desprezo pelas unidades, nem a combinação do trágico com o cômico, sem nada no mundo que se possa expressar; em vão tentarão aprisionar a asa da borboleta; a poesia que a colore lhes ficará nos dedos. O Romantismo é a estrela que plange, é o vento que geme, é a noite que estremece, a flor que perfuma e o pássaro que voa; é o gesto inesperado, é o êxtase enlanguescido, o poço sob as palmeiras, é a esperança rubra e seus mil amores, o anjo e a pérola, a veste branca dos salgueiros; oh, que bela coisa, meu senhor! É o infinito e a estrela, o cáldo, o quebrado, o despetado, e contudo, ao mesmo tempo, o cheio e o redondo, o diametral, o piramidal, o oriental, o nu ao vivo, o comprimido, o cingido, o impetuoso. (...)

⁵ Revolução Francesa de julho de 1830. (N. do T.).

⁶ Fronda, Partido que tomou armas contra Mazazino e a corte na menoridade de Luís XIV, na França. (N. do T.).

⁷ Romance pré-romântico de Jean-Jacques Rousseau. (N. do T.).

na onde o fogo a fecunda incessantemente e a vizinhança do homem não a inibe de nenhum modo, ela pode, cheia de vida e juventude, explodir em toda a sua grandeza. É, portanto, um serviço que se presta aos poetas abri-í-lhes novas fontes de inspiração e colocar ante seus olhos algumas cenas dos trópicos consideradas sob este aspecto, mostrando-lhes, ao mesmo tempo, como exemplo, a cor local que elas difundem na poesia dos indígenas.

Esta idéia é perfeitamente justa: o poeta necessita de uma observação bem refletida sobre a natureza; com isso seu gênio ganha em verdade e amplitude. Os melhores estudos poéticos, após a profunda meditação dos grandes modelos, seriam os de viagens, sem dúvida nenhuma: os lugares são ainda mais eloqüentes que os livros. Em nossos dias, três homens que escreveram em gêneros e com méritos diversos, mas sempre com grande riqueza de imaginação, devem a tais viagens a poesia nova e brilhante que cintila em sua prosa. Leia-se as belas páginas de Volney, de Bernardin de Saint-Pierre² e do sr. de Chateaubriand e observe-se nelas não está contido o caráter dos lugares onde foram escritas, e se, por assim dizer, não se reflete inteiramente nelas o céu que as inspirou. Mas, em torno da idéia principal, naturalmente vinha agrupar-se uma infinidade de questões acessórias que o autor negligenciou, provocadas pelo espírito da época: até que ponto é legítimo e aceito pelo gosto este empréstimo de imagens estrangeiras; de que pode realmente consistir; se é afrontando a harmonia com uma infinidade de palavras bárbaras retiradas de idiomas ainda grosseiros ou simplesmente reproduzindo um pensamento ingênuo ou um costume patético de um povo jovem, se é pela apropriação sem discernimento dos seres criados nas mitologias estrangeiras, ou o enriquecimento somente com alegorias engenhosas e criadas para agradar em todos os lugares, que o poeta imitador receberá merecidamente a honra da literatura nacional; ou ainda, se não se deve temer excessos neste recurso por demais usual às descrições de fenômenos: se Delille,³ Castel, frequentemente citados pelo autor, e os escritores daquela escola que ele parece apreciar sempre evitaram: se, enfim, não há, com frequência, um outro perigo não menos grave a evitar — o de falar à nação sobre uma natureza que ela não compreende, o de lhe exigir recordações que só existem para o escritor, e obrigar o homem mediocremente ilustrado a consultar Buffon ou Cuvier⁴ para ouvir um verso. Se o autor a tudo isso responder que tais discussões são problemas mais do crítico que do viajante, devo aceitá-lo, mas não sem antes examinar o que fez em lugar do que poderia ter feito.

² Conde de Volney (1757-1820), autor de *As ruínas ou meditações sobre as ruínas dos impérios* (1791); Bernardin de Saint-Pierre (1737-1814), autor do famoso romance pré-romântico *Paul e Virginia* (Paul et Virginie), 1787. (N. do T.).
³ Jacques Delille (1738-1813), romanista francês. (N. do T.).
⁴ Buffon: George-Louis Leclerc, conde de (1707-1788), autor do *Discurso sobre o estilo* (1753) e Cuvier (1769-1832), cientista francês. (N. do T.).

A mesma indefinição, a mesma indecisão que assinalamos na idéia geral logo nas primeiras páginas se faz notar. O autor olha de relance a natureza dos trópicos, as impressões que lhe causam a vegetação, o oceano, os rios. Mas como ele não define exatamente o lugar de suas observações — e como, conseqüentemente, só exprime os efeitos em sua generalidade, sem examinar e analisar os pormenores, pouco satisfaz o espírito que busca imagens positivas. A situação do autor é a de um homem sensível emocionado por um grande espetáculo. De início, são fortes de entusiasmo que em vão procuram se produzir no exterior, e que se desdobram de cem maneiras sobre si mesmas antes de alcançar o efeito desejado. Somente depois as sensações se separaram, se classificam — e a admiração, de algum modo, se justifica. Segue-se desta primeira falha que, nesta parte, o estilo é excessivamente tenso e continuamente magnífico. Tudo é muito cuidado, de modo que as ricas descrições se perdem em meio a tanto brilho. Entretanto, há trechos do todo de uma graça realmente encantadora: "Na América — diz o autor —, quando a maré baixa, surpreso às vezes por ver uma flor no fundo de um penhasco estéril sobre o qual a onda acabou de se quebrar, quereis colher aquela coroa flutuante que tanto resiste às intempéries, ignorando o orvalho dos céus; mas, repentinamente, a flor se escapa dentre os dedos indiscretos que acabam de tocá-la. Sensível a essas margens, ela é mais animada que uma simples planta mas sem ter contido a previsão dos seres inteiramente organizados. É um pólipô elegante, e a natureza parece ter ficado indecisa quando a fez nascer". E mais além, quando nos desertos da Arábia: "O amor nestes países ardentes torna-se um sentimento do qual nada pode desviar; é a mais imperiosa necessidade da alma; é o grito do homem pela companheira para não ficar sozinho em meio ao deserto". Sem dúvida, Bernardin de Saint-Pierre não teria dito melhor.

Como quer que sejam as belezas de detalhes, até aqui nossas críticas perduraram, e sempre se poderia dizer ao sr. Denis: Para que adotar este processo de exposição imprecisa, tão pouco propícia a quem deseja aprender? Por que se munir assim de uma admiração permanente, que fatiga a si mesma e ao leitor, e que não lhe permite ver e sentir-se não por seu intermédio? Primeiro dilua o cenário que oferece; lance, em seu lugar, personagens naturais que falam e agem a seu modo próprio e livre, não intervenha entre ele e nós; faça como Walter Scott e Cooper; desapareça para poder melhor pintar. Diríamos que o autor previu esta objeção e, em dois episódios notáveis, como que tentou se aproximar do gênero desses dois grandes escritores. Mas ainda assim é notório o quanto está longe daqueles, e esta comparação ainda ressalta a diferença. Empestando longos relatos a esses personagens, o Sr. Denis não se apercebe de como é ele quem fala freqüentemente por sua boca, cujas idéias, tão infelizmente engenhosas, e cujas frases, tão inoportunamente

elegantes, são as do autor, o qual supõe nelas com muita facilidade sua própria maneira delicada de observar e de sentir.

O primeiro episódio nos dá a conhecer a tribo brasileira dos Machakais. Um jovem chefe dessa tribo nômade relata a um português, num caminho, como se apaixonou pela filha de um governador de província e quais foram as infelizes consequências deste afeto. Há uma singular expressão de melancolia em toda a pessoa deste jovem guerreiro, meio selvagem, de alma desenvolvida pelo amor e o pesar. Ele se surpreende com a indiferença de seus companheiros, que alternadamente cantam a beleza das mulheres, caçam o jaguar e se embriagam; de súbito sua paixão o civilizou, revelando-lhe o isolamento de sua existência. E pela primeira vez as florestas lhe pareceram solitárias. Contudo, eu me sentiria muito mais comovido se não o visse doado de tantos raciocínios, e ousou dizer que sentiria mais o seu infortúnio se ele me explicasse tudo um pouco menos.

Em outro episódio, João, um velho negro libertado, que vive isolado perto de São Salvador, relata a história de seu pai, Zumbi. Os costumes africanos, a escravidão e a revolta dos escravos são pintados com as cores mais vivas, o que inspira no autor uma generosa indignação contra um tráfico altamente condenado pela consciência dos povos. Há, também, às vezes, contrastes felizes que ali virmos a alma estigmatizada; o último traço do quadro é cheio de encanto, embora não totalmente isento da sedutora imperfeição que censuramos ao Sr. Denis. Naquele tempo, os negros desembarcados no Brasil quebraram suas algemas e fundaram a vila dos Palmares. Ali se mantiveram livres por algum tempo, sob a chefia de Zumbi. Mas breve Palmares sucumbiu aos empenhos dos portugueses, apesar do heroísmo de seu defensor. Após visitar as ruínas de Palmares, o neto de Zumbi retornou e disse a seu pai João: “— Fui ao vale e me sentei entre as palmeiras que se estendem pela areia; as lendas retornaram a minha memória. Examinei tristemente a cerca dos infortúnios de Zumbi Ali! Creia em mim? Enquanto eu estava mergulhado em meus devaneios, algumas jovens vieram tirar os frutos de alguns tamareiros que ainda há junto ao lago; grinaldas de cássia cobriam suas frentes de ébano; elas se puseram a dançar e suas vozes se elevaram alegremente, mas não celebravam Palmares. Pareciam ignorar os eventos que se passaram tão perto delas. Assim, em poucos anos, tudo se esqueceu! Foi de mim que elas conheceram os infortúnios de sua antiga pátria; seus olhos exprimiram pesar quando lhes falei de meu avô; mas o prazer se seduzia, e acabaram por me convidar para suas danças”

Só poderíamos louvar o restante da obra. Quer porque o Sr. Denis nos transporte aos pequenos bosques do Orahiti, local encantador, de poesia e volúpias, quer porque nos relate as características dos belos lugares onde se banha, a plenitude das vegetações, os povoados no seio da floresta, as gazelas e corças próximas do búfalo e do tigre, o elefante selvagem e sua vasta dominação sobre os hóspedes da mata e suas lutas

sanguinolentas contra armadas intuiras de caçadores; ou porque, tendo cumprido desta feita sua missão, ele nos mostra a literatura portuguesa do Ganges ao Tejo, e nos apresenta as fábulas indianas, suas engraçadas alegorias e suas crenças alternadamente tão doces e tão terríveis; então, dirigindo-se aos poetas, ele mesmo é poeta; seu pensamento, singularmente gracioso, embelezase ainda de uma expressão cuja exótica pureza anima-se de cores orientais. Se a beleza confia ao pombo-correio o segredo que ela não ousaria revelar a seus austeros guardiães, ele acrescenta: “Pronta para ver o pássaro encantador elevar-se nos ares, levando consigo os votos de seu amor, ela gostaria de retê-lo, como se retém uma confissão que escapa”. E quando ele fala dos odores misteriosos que revelam as suaves inquietudes e doces esperanças de uma jovem cativa: “— Mensageira”, — diz ele —, “mais discreto que nossa escrita, agora já tão conhecida, seu perfume já é uma linguagem, suas cores são uma idéia.”

Segue-se à obra que acabamos de resenhar uma espécie de novela histórica sobre a vida de Camões. Acreditado ter compreendido como esse fragmento se liga à intenção geral do autor. Nenhum poeta se inspirou mais com os grandes espetáculos dos trópicos que Camões: é da Índia que ele toma suas mais ricas descrições; sua imaginação, vivamente impressionada pelos vapores, tempestades e diversos aspectos do Oceano, as exprimitu com uma veracidade e um vigor que lançam a seus textos um eterno encanto. O autor quis, portanto, segundo me parece, demonstrar na sua pessoa a influência completa das cenas da natureza sobre o gênio. Louvo-o, se essa foi a sua idéia; mas a execução é falsa e afetada: É Camões que conta sua história a José Índio. Por que estes perpétuos relatos? Por que se impor esta penosa tarefa de fazer um grande homem falar com dignidade? Com o profundo conhecimento que o Sr. Denis possui da literatura portuguesa e das obras do poeta, ele deveria ousar dispensar as criações romanescas, e só retirar interesse da simples realidade. Não há então suficiente fonte de sentimento no quadro ingênuo desse nobre coração partido de amor que viaja ao outro lado do Oceano, para se distrair nos combates e se consolar na natureza? Não se creia, no entanto, que falte beleza a este segundo texto do Sr. Denis; muitas vezes ele nos recompensa com a verdade dos pormenores contidos nos vícios de sua concepção.⁵ (. . .)

⁵ O último parágrafo elogia uma edição do Sr. de Souza das obras de Camões. (N. do T.).

PRIMEIRAS SEGUNDASFEIRAS

SAINTE-BEUVE⁶

Poesia — Cowper — os poetas dos lagos

Não temos a pretensão de encerrar na estreita moldura de um artigo o quadro da poesia inglesa contemporânea. Para nós seria mesmo impossível apresentar aqui uma análise completa de tudo o que o Sr. Pichot nos afirma a este respeito, porque em geral é através de trechos que ele nos dá a conhecê-la. E sendo esta a única maneira verdadeiramente boa, seria mais adequado desenvolvê-la num livro que num jornal. Aliás, a questão da poesia de nossos vizinhos apareceu com frequência em *O Globo*, onde diversos poetas muito pouco conhecidos na França tiveram suas biografias publicadas. Deveremos, então, limitar nosso exame, de modo que nosso trabalho também seja mais útil.

Por volta do fim do século passado [XVIII], estabeleceu-se, tanto na Inglaterra quanto na França, uma escola de poesia descritiva; mas naquele país não teve quer as mesmas características quer os mesmos desígnios que entre nós. Thompson e Saint-Lambert,⁷ Darwin e Delille tinham muita semelhança entre si, o que já não acontece com seus discípulos e sucessores. Enquanto nossos poetas descritivos se detinham eternamente na superfície das coisas e faziam nas suas pinturas-friamente elegantes uma cópia fiel e monótona da natureza inanimada, na Inglaterra ousavam associar a essas pinturas as impressões que elas provocavam e a dar-lhes vida por um reflexo dos sentimentos humanos. Esta ideia, sem dúvida, não nos escapou totalmente; mas, coisa notável! Até hoje coube quase somente aos prosadores conservá-la e executá-la. O que alguns era obra de William Cowper e dos poetas do lago, na França era uma citação de Jean-Jacques, brilhante e graciosa herança que recebeu, na falta de André Chénier,⁸ Bernardin de Saint-Pierre e do Sr. de Chateaubriand. Sua prosa eloqüente apoderou-se assim de um ofício

⁶ III. *Primeiras segundas-feiras* (Premiers lundis). In: id. p. 134-8. Escola dos poetas dos lagos: Coleridge, Southey e Wordsworth, que moravam na região dos lagos ingleses de Lake District, ao norte da Inglaterra; o nome de *lakist* foi empregado pela primeira vez em Edinburgh Review, em agosto de 1817. (N. do T.).

⁷ James Thompson (1700-1748), poeta inglês, autor do livro de poemas campestres em versos livres: *As estações* (1726-1730), que marcaram um estilo.

Saint-Lambert, marqués de (1716-1803), autor que se preocupou com temas indígenas em "Dois amigos", conto irrequês (1770). Este foi respondido por Diérot, em "Dois amigos de Bourbonne" (1773). Seguindo o estilo difundido por Thompson, Saint-Lambert escreve poesias campestres de elogio ao povo francês. (N. do T.).

⁸ André Chénier (1762-1794), poeta idílico importante nos círculos do pré-romantismo francês. (N. do T.).

que escapava às mãos da poesia; e quando recentemente, enfim, a poesia, pela musa do Sr. de Lamartine, reivindicou uma parte deste legítimo domínio ao qual jamais deveria ter renunciado, aparentemente ignoraram-se seus direitos, ou pelo menos suas práticas foram admiradas como audácia. Por que esta notável diferença literária entre os dois povos? Por que, entre nós, esse adiantamento, à primeira vista inconcebível, duramente o qual a poesia pareceu impedir a si mesma uma fonte nova e fecunda de emoção e de imagens? Não será difícil, segundo penso, assinalar um grande número de causas que explicam este fato. Daí se poderiam derivar mesmo considerações sutis e delicadas; que nos baste ter indicado esta procura.

Na Inglaterra, então, o que foi iniciado pelos poetas foi continuado pelos poetas. Quando esgotaram os cenários exteriores e reproduziram os aspectos externos da natureza, penetraram mais além, mais identificando-se com esta, para não mais se separarem. A partir de então, os mínimos objetos, os mais vulgares acidentais que ela oferece se enfeitaram com um novo encanto aos olhos do observador apaixonado e, de certo modo, se hauriram de cores novas, no frescor de seu pensamento. Uma paisagem, uma árvore, uma planta, os movimentos da vaga e até seu repouso lhe inspiraram igualmente os mais solenes espetáculos, julgando-se, em seus cantos, a tocantes pensamentos e associações sublimes. O quinto passo dos *Sonhos*, o "Morangueiro" de *Estudos da natureza* e o "Lago" de *Meditações poéticas*⁹ são para nós representantes bastante perfeitos do que fizeram de bom nesse gênero os poetas dos quais tratamos. O primeiro dentre eles, ao menos cronologicamente, William Cowper (1731-1800), apresenta assombrosa semelhança com o nosso Rousseau, em relação a sua vida infeliz desde a infância, pela idade em que se revelou o seu talento de lavos melancólicos e religiosos, enfim, pelas loucuras de sua alma desconfiada e delicada. No intervalo de seus sombrios acessos, ele se ocupava fazendo gaiolas, da mesma forma que o outro copiava músicas. Foi a ele que os poetas dos lagos — dos quais vamos falar — admitiram como precursor. Mas o que nele não passava de um impulso espontâneo de uma alma solitária, neste se tornou um sistema determinado e deliberado. Através dele foi reduzida a teoria de todas as vagas efusões de entusiasmo; todo pensamento indeciso, toda impressão fugidia foi proposta, ou melhor, consagrada. Eles fizeram da poesia uma religião cujos livros são oráculos; e seu ancestral, Wordsworth, parece se ocultar, no fundo de seus lagos, usufruindo de música obscuridade.

Afirma Pichot que Wordsworth é o líder da escola dos lagos, consagrada de Southey, Coleridge, Wilson etc. etc., e assim chamada porque

⁹ *Estudos da natureza* (1784), obra de Bernardin de Saint Pierre; *Meditações poéticas* (1820), de Lamartine. (N. do T.).

todos esses poetas habitam ou habitaram os lagos de Westmorland e de Cumberland. Ainda que unidos muito mais pelos elos de parentesco e de amizade do que por concordarem em doutrinas de uma mesma poética, Wordsworth, Southey, Coleridge e Wilson podem ser encarados como membros de uma verdadeira seita. Em política, os poetas dos lagos são *torys*. Mas o republicanism foi o pecado de sua juventude, e conservaram mais idéias liberais que os próprios *wilgits*.¹⁰ Exaltaram-se com 1789, mas ~~1793~~ os decepcionou; e em seu desespero, Southey, Coleridge e Lorel quase fundaram uma colônia livre à margem de Susquehannah, nos Estados Unidos. Depois, Coleridge tornou-se jornalista do ministério e Southey foi nomeado poeta laureado. Em poesia, os poetas dos lagos reservam toda sua admiração para os autores do século de Elizabeth [XVII], depois de Milton e Jeremy Taylor até Cowper,¹¹ a literatura inglesa só lhes ofereceu um grande vazior. A coletânea de antigas baladas do bispo Percy veio reconciliar, segundo eles, a Inglaterra com a verdadeira poesia. A estas admirações, quase exclusivas, misturam uma verdadeira paixão pela metafísica.

Pretendem também sentir a natureza com uma energia e uma vivência de que nem todos os corações são capazes, exceto — dão a entender — os da grande maioria dos poetas que, estragados por falsos sistemas, nela só encontraram as belezas convencionais. Eles só admiram a natureza porque a amam. Nessas mudas solidões, no seio desses lagos, na meia-luz dessas florestas, parece-lhes que sua alma se funde com a alma universal; eles sentem uma influência invisível e inefável que os exalta, os alegra e purifica. É um misticismo com alguma afinidade com o pantemismo pitagórico. Para eles, tudo o que é visível, tudo o que é dotado de movimento ou de uma voz oferece não apenas símbolos obscuros ou emblemas fantásticos, mas também verdadeiras revelações.

“Eu vi” — diz Wordsworth — “uma criança curiosa apoiando à orelha uma concha de bordas lisas cheia de circunvoluções. Silenciosa, ouvia com toda a atenção da sua alma, e logo a alegria brilhou em sua fisionomia; pois ela escutava murmúrios interiores e acordos sonoros, pelos quais, pensava ela, o habitante da concha anunciava a sua aliança misteriosa com o seu mar natal. O próprio universo é semelhante a esta concha para o ouvido da fé e lhe transmite autênticas revelações sobre as coisas invisíveis”.

Os poetas dos lagos portanto não evitaram, de modo nenhum, os obstáculos existentes no seu gênero, comprometendo-o singularmente,

¹⁰ *Tory* e *wilgits*: partidos políticos ingleses. Os *torys* tornaram-se conservadores após a Revolução francesa, defendendo os proprietários de terras, enquanto os *wilgits* apoiavam a classe média e promoviam a Reform Bill (Carta da Reforma) de 1832. (N. do T.).

¹¹ William Cowper (1731-1800), autor de poesias líricas de estilo natural, em oposição ao estilo neoclássico de Alexander Pope e seus epígonos. (N. do T.).

ao exagerá-lo. Partindo de uma idéia profunda e verdadeira, exacerbaram-na, e, deste modo, pecaram ao inverso dos discípulos de Delille, talvez com mais gênio, mas certamente de modo mais ridículo. É assim que não vemos sem um sorriso Bernardin de Saint-Pierre extasiar-se diante de suas incompreensíveis harmonias. Nem todos os poetas do lago, é verdade, levaram tão longe o sistema. Southey, principalmente, desde que se tornou mundano e cortês, teve muito o que reformular, como é possível sentir, na sua metafísica. O jovem e infeliz Kirke-White,¹² que o Sr. Pichot liga a esta escola, mas que, ao contrário, só obedece a necessidades íntimas de seu coração, nem sequer sonhou, ao ceibrar ingenuamente suas impressões, em se deixar marcar por esta teoria sutil. Mas Coleridge parece ter deixado para trás todos os outros, até o próprio Wordsworth: sonhador intépido, ele se compraz no seu humor indolente e de bom grado compara seus cantos aos sons intermitentes que o vento provoca ao tocar sua lira. “A volúpia de sonhar” — diz o Sr. Pichot — “é tão doce para ele, que chegou a compor versos apenas enquanto dormia. Publicou uma obra que era produto de seu sono (*Kubla-Khan*), precedida de um pequeno prefácio no qual admitia engenhosamente que, no momento em que transcrevia seu poema, vieram procurá-lo para um negócio, e que, ao retornar ao trabalho, não pôde reencontrar o fio da sua narrativa, o que nos condenará para sempre a conhecê-la pela metade. Ele não dá melhor justificativa para cada fragmento que compõe a sua coletânea poética. Talvez haja também uma intenção no título que deu à obra: *As folhas sibílicas*.”

Se aí há motivo para rir, também não podemos deixar de lastimar esta perda voluntária de um belo talento. A encantadora peça *Gerowiz*, traduzida pelo Sr. Pichot, nos mostra que alturas Coleridge pode alcançar, quando o deseja, o que no entanto não diminui nossa lástima.

Já que é inevitável, saibamos, ao menos, tirar proveito de tudo isto para nós. A escola de Rousseau e Bernardin começa, já o dissemos, a se introduzir na poesia: e a história dos poetas dos lagos é bem apropriada para lhes revelar os perigos de que deve se precaver. A carta sobre Coleridge, pelo seu feliz prefácio, foi escrita ao Sr. de Lamartine; o Sr. Pichot não poderia dirigir ao célebre poeta homenagem mais merecida nem ligação mais inteligente.

¹² Henry Kirke-White (1785-1806), por seu volume de versos, de 1803, foi protegido por Southey e elogiado por Byron. Mas após sua morte apenas duas odes restaram de sua obra. (N. do T.).